



História e Evolução da Ourivesaria e Joalheria

Claudia R. Batista





Ficha Catalográfica

BATISTA, Claudia Regina.

História e evolução da ourivesaria e joalheria. / por Claudia Regina Batista. – Florianópolis: DEGR / UFSC, 2021.

81 p.: il.

Material Didático do curso Desenho e Ilustração Colorida de Joias. Florianópolis, 2021.

1. Design de joias. 2. Fundamentos da joalheria. 3. Joias. 4. História.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	1
1 A ORNAMENTAÇÃO HUMANA NA PRÉ HISTÓRIA	3
1.1 A ornamentação humana na Idade da Pedra	3
1.2 As Joias na Mesopotâmia - Idade dos Metais.....	6
2 A JOALHERIA NA ANTIGUIDADE	10
2.1 As Joias no Antigo Egito.....	10
2.2 As Joias na Grécia Antiga	16
2.3 As Joias no Império Romano	20
3 A JOALHERIA MEDIEVAL	25
3.1 As Joias dos Povos Bárbaros	25
3.2 As Joias no Império Bizantino.....	28
3.3 As Joias no Estilo Românico	31
3.4 As Joias Góticas	33
4 A JOALHERIA NA IDADE MODERNA.....	38
4.1 As Joias na Renascença	38

4.2 As Joias Barrocas	43
4.3 O Período Romântico e as Joias na Era Victoriana	47
5 A JOALHERIA NA IDADE CONTEMPORÂNEA	49
5.1 Pós Revolução Industrial e os primeiros passos do Design Industrial ..	49
5.1.1 As Joias no Movimento <i>Arts and Crafts</i> (Artes e Ofícios).....	49
5.1.2 As Joias no Movimento <i>Art Nouveau</i> (Arte Nova)	56
5.1.3 As Joias no Movimento <i>Deutscher Werkbund</i> (Federação Alemã de Ofícios).....	64
5.2 O Estilo <i>Art Déco</i> e a Joalheria.....	65
5.3 A Joalheria nos anos de 1950	72
5.4 A Joalheria atual	74
REFERÊNCIAS	78

Apresentação

O ser humano sempre adornou o seu corpo, independentemente do sexo, da cultura ou época e alguns exemplos podem ser vistos no painel apresentado na Figura 1. Ou seja, homens e mulheres, nos cinco continentes, em diferentes épocas e culturas apreciam, valorizam e costumam adornar o corpo por diferentes razões.



Figura 1 – O adorno humano em diferentes épocas e culturas

Fonte: Batista (2013).

Tanto no passado como atualmente, as joias são usadas para satisfazer a vaidade, ostentar a riqueza, evidenciar o poder, por simbolismo ou

superstição. As joias também denotam *status*, requinte, beleza e aspectos sentimentais do ser humano. (BATISTA, 2004)

A joia – como produto da indústria joalheira – é o resultado de um longo processo que envolve criatividade e design, qualidade da matéria-prima, utilização de moderna tecnologia de fabricação, profissionais especializados (fundidores, lapidadores, cravadores, montadores) e perfeição no acabamento das peças. (BATISTA, 2008)

O Brasil é uma das maiores províncias gemológicas do mundo, pois nas inúmeras jazidas¹ existentes em todo o território nacional, há possibilidade de se extrair uma farta e rica gama de matérias-primas para produção de joias. Diante disso, observa-se que há um campo de atuação promissor para os designers de joias brasileiros. (BATISTA, 2000)

E para contribuir na formação de designers de joias, elaborou-se este material que visa apresentar a história e a evolução da ourivesaria e joalheria.

¹ Jazidas são os depósitos naturais de minerais existentes na crosta terrestre. Após estudos geológicos em determinada região, é possível localizar e identificar uma jazida. Obtém-se os minerais contidos nas jazidas pela extração ou garimpagem.

1 A ornamentação humana na Pré História

Segundo Codina (2000, p. 8), “falar das origens da ornamentação humana é falar da própria origem do ser humano”. Através das escavações arqueológicas é possível constatar a atração do ser humano por minerais, metais, entre outros materiais belos e raros. Na história da humanidade têm-se registros que o ouro foi um dos metais mais utilizados para produzir peças de adorno. O ouro, as gemas (pedras preciosas) e as joias, são elementos de adorno apreciados e valorizados em todos os tempos.

Na sequência, apresenta-se uma síntese histórica que foca o uso da joia como ornamentação humana e relata a evolução da joalheria, desde os primeiros passos da metalurgia até a aprimorada joalheria contemporânea. Pode-se observar que a medida que a civilização humana evoluiu, transformaram-se os usos e costumes, a cultura, as cidades, os ofícios, as técnicas, entre outros, entretanto manteve-se no ser humano, o desejo pela ornamentação pessoal.

Este capítulo, não se trata de uma linha do tempo tal qual a história da humanidade; são citados somente os períodos em que foram desenvolvidas técnicas, inovações e contribuições para a ourivesaria e a joalheria.

1.1 A ornamentação humana na Idade da Pedra

Através da Arqueologia se tem conhecimento que o ser humano sempre adornou o seu corpo. No período Paleolítico há evidências que a madeira, o osso, o chifre, o marfim e as conchas, foram trabalhados para constituir artefatos para adorno pessoal.

De acordo com os arqueólogos Dr^a. Marian Vanhaeren (*University College London*) e Dr. Francesco d'Errico (*National Center for Scientific Research in Talence, France*), as conchas apresentadas na Figura 2 compunham o colar mais antigo que se tem conhecimento. As análises

químicas realizadas apontam que as conchas possuem 100.000 anos e sugerem a origem da ornamentação humana. (WILFORD, 2006)



Figura 2 – Fragmentos de um colar de Conchas do Paleolítico
Fonte: Vanhaeren *et al.* (2006)

No período neolítico, as técnicas de trabalho de pedra evoluíram para o estágio em que certas pedras poderiam ser perfuradas por outros. A carcaça de materiais mais suaves como osso, madeira e chifre com o uso de formão de pedra alcançou níveis de maior sofisticação.

Nesta era as diferenças sociais começaram a se tornar mais pronunciadas à medida que a população de tribos aumentava devido às técnicas agrícolas melhoradas, desenvolvimento de ferramentas mais úteis, métodos mais novos e mais eficientes de agricultura, a pesca e caça.

Essa crescente complexidade enfatizou a diferenciação social das pessoas. A joia era uma maneira excelente de discernir-se dos outros por ser o único a usar as peças maiores, mais bonitas e mais exclusivas. Assim, a joalheria já era usada como uma expressão de *status*, além de servir apenas como uma característica decorativa ou como um amuleto.

A Figura 2 mostra ornamentos pessoais usados pelos povos primitivos da Europa.



Figura 3 – Ornamentos do período Neolítico
Fonte: Devitt-NYU (2015)

Ao longo da idade da pedra, o âmbar foi coletado. Os maiores montantes foram encontrados ao longo das costas da Jutlândia. O âmbar (Figura 2) foi esculpido em contas ou outras joias para pendurar ao redor do pescoço ou costurar roupas. No período neolítico precoce, houve coleta em larga escala e trabalho de âmbar, e os maiores achados de contas de âmbar são desse período. Como foi o caso dos eixos de pedra, grandes quantidades de joias de âmbar foram depositadas como sacrifícios em lagos e pântanos. A maioria dos achados é da região norte e central da Jutlândia. Alguns depósitos pesam até 8,5 kg. Âmbar era um material cobiçado - quanto mais pedaços possuíam, maior era o *status*.



Figura 4 – Vasilha de cerâmica com contas de âmbar encontradas em Sortekærs Mose.

Fonte: Nationalmuseet (2017)

1.2 As Joias na Mesopotâmia - Idade dos Metais

O período Neolítico encerrou quando o ser humano começou o trabalho com o metal, dando início a Idade dos Metais.

Aproximadamente 5.500 anos a.C. teve início a fundição do cobre, depois do bronze, então o ser humano começou a desenvolver técnicas para confeccionar peças em metal.

Nas sociedades a diferenciação social aumentou numa grande proporção e as primeiras cidades reais governadas por Reis, situavam-se na Mesopotâmia² por volta de 4000 a.C.

² Mesopotâmia é o nome dado para a área do sistema fluvial Tigre-Eufrates, que atualmente corresponde a aproximadamente a maior parte do atual Iraque e Kuwait, além de partes orientais da Síria e de regiões ao longo das fronteiras Turquia-Síria e Irã-Iraque.

O trabalho com os metais foi uma das atividades artísticas mais importantes nas cidades da Mesopotâmia. O ouro foi considerado o melhor metal para a produção das joias devido à sua excepcional cor, brilho e por ser maleável. (BATISTA, 2004)

Na ourivesaria mesopotâmica, nas formas e na modelagem do metal, revela-se um naturalismo no detalhe ornamental. Em virtude da grande variedade de povos e culturas que habitaram sucessivamente o território, torna-se difícil elaborar um estudo do estilo geral da ourivesaria mesopotâmica. Os tesouros encontrados nas escavações são provas da habilidade dos artesãos na confecção de belíssimos utensílios e objetos de decoração de ouro e prata e com incrustações de pedra. (BATISTA, 2004)

Na sequência são apresentadas algumas peças de adorno onde se pode apreciar o trabalho deste período. A Figura 5 mostra um colar feito a partir de contas³ de ouro, lápis-lazúli e âmbar. As contas formam um padrão geométrico, onde se pode ver a repetição de triângulos, denotando que houve uma preocupação com a estética, composição, proporção e harmonia. No pingente, nota-se uma flor estilizada e incrustação de gemas.

³ Conta é uma pequena peça com furo por onde pode ser enfiado um fio, geralmente, para bordar, fazer colares, rosários, etc. As contas podem ter formatos variados: esféricas, sextavadas, cubos, sem forma geométrica.



Figura 5 – Colar com pingente mesopotâmico – Museu do Iraque, Bagdá
Fonte: Arte Universal (2000, v. 1)

A Figura 6 apresenta um bracelete de ouro ornamentado com cabeças de leões, que foi encontrado no sítio arqueológico de Ziwiye (atual Irã).



Figura 6 – Bracelete de ouro (Arte Escita)
Fonte: Arte Universal (2000, v. 1)

As civilizações sumérias na Mesopotâmia foram as primeiras a usar técnicas como a filigrana⁴ e a granulação⁵. Exemplos dessas técnicas são apresentados na sequência.

A Figura 7 apresenta um bracelete em ouro. Os ornamentos na superfície da peça são feitos a partir da técnica filigrana.



Figura 7 – Bracelete em ouro mesopotâmico (Arte Persa)
Fonte: Arte Universal (2000, v. 1)

A Figura 8 mostra um disco de cobre com a figura de um herói vencendo dois leões em alto relevo. Observa-se uma moldura decorada com filigrana e triângulos em granulação do metal.

⁴ **Filigrana** é um trabalho ornamental feito de fios muito finos e pequeninas bolas de metal, soldadas de forma a compor um desenho. O metal é geralmente ouro ou prata, mas o bronze e outros metais também são usados. A filigrana foi utilizada na joalheria desde a Idade dos Metais e Antiguidade, sendo ainda empregada em grande variedade de objetos decorativos.

⁵ **Granulação** é uma técnica que permite adicionar grãos ao metal, normalmente com objetivo estético para adorná-lo. É uma forma de decoração onde pequenas esferas de metal são adicionadas a uma superfície, também de metal, resultando em uma mistura de textura e delicados detalhes. Os grãos são fixados através de um processo de fusão, sem que seja utilizado qualquer tipo de solda.



Figura 8 – Disco de cobre (Arte Persa)
Fonte: Arte Universal (2000, v. 1)

2 A joalheria na Antiguidade

2.1 As Joias no Antigo Egito

Além da arquitetura, arte (pintura e escultura), agricultura, a civilização egípcia destacou-se, também, na ourivesaria. Os materiais mais utilizados eram o ouro, a prata e as pedras preciosas. As joias tinham uma função específica: eram talismãs. Os ourives colaboraram na decoração de templos e palácios, revestindo muros com lâminas de ouro e prata.

Como o método da fundição utilizado na Mesopotâmia era adequado para peças grandes e pesadas, sem detalhes ou precisão, era necessário um método para produzir objetos mais refinados, de linhas mais finas e delicadas. A partir dessa necessidade, os egípcios desenvolveram o processo da **fundição por cera perdida** (muito utilizado até os dias atuais) que era feito da seguinte forma: as peças eram esculpidas em cera de abelha e inseridas na argila; deixava-se uma pequena abertura; colocava-se para secar até transformar-se em

cerâmica. Depois, a peça cerâmica era aquecida; com o calor a cera derretia e escoava pela abertura deixada. A área oca no interior da cerâmica continha o formato da peça esculpida em cera, portanto era o molde para produção de uma peça de metal. O metal era aquecido, quando atingia o estado líquido era derramado dentro do molde. Após resfriar, a cerâmica era quebrada e, então, surgia o objeto de metal. A época do surgimento dessa técnica é incerta, no entanto, objetos encontrados na tumba do Faraó do Egito Tutankhamon (XVIII Dinastia) foram produzidos por esse método. (ARTE UNIVERSAL, 2000)

Na sequência são apresentados artefatos fruto da ourivesaria egípcia e algumas joias egípcias. Na Figura 9 pode-se ver o dossel⁶ do trono de ouro e imagens em alto relevo e aplicação de esmalte, cornalina e lápis-lazúli.



Figura 9 – Ourivesaria Egípcia: Dossel
Fonte: Arte Universal (2000, v. 1)

⁶ Dossel é uma armação de madeira ornamentada, forrada ou não de tecidos, usado sobre altares, tronos, leitos e até sobre liteiras, cadeirinhas etc. com fins de proteção e/ou ostentação.

A **Erro! Fonte de referência não encontrada.** mostra a Máscara funerária que foi encontrada sobre a face da múmia do Faraó Tutankhamon. Ela é confeccionada em ouro decorada com os símbolos da realeza: a cobra e o abutre, símbolos do Alto e do Baixo Egito, a barba postiça retangular e ceptros reais. Atualmente, a máscara está no Museu Arqueológico do Cairo.

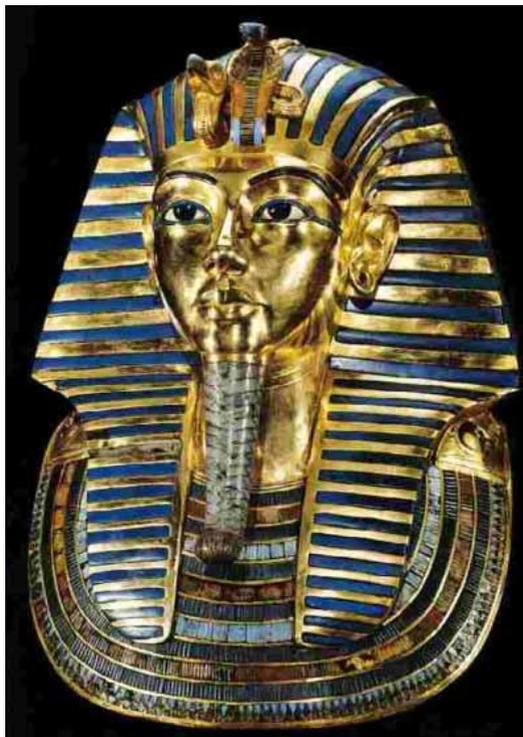


Figura 10 – Máscara do Faraó Tutankhamon.
Fonte: Arte Universal (2000, v. 1)

Na Figura 11, pode ser visto o bracelete da Rainha Ahhotep (XVIII Dinastia), que morreu em 1.515 a.C., feito em ouro, cornalina, turquesa e lápis-lazúli. Imagem cortesia do Museu Egípcio, Cairo.

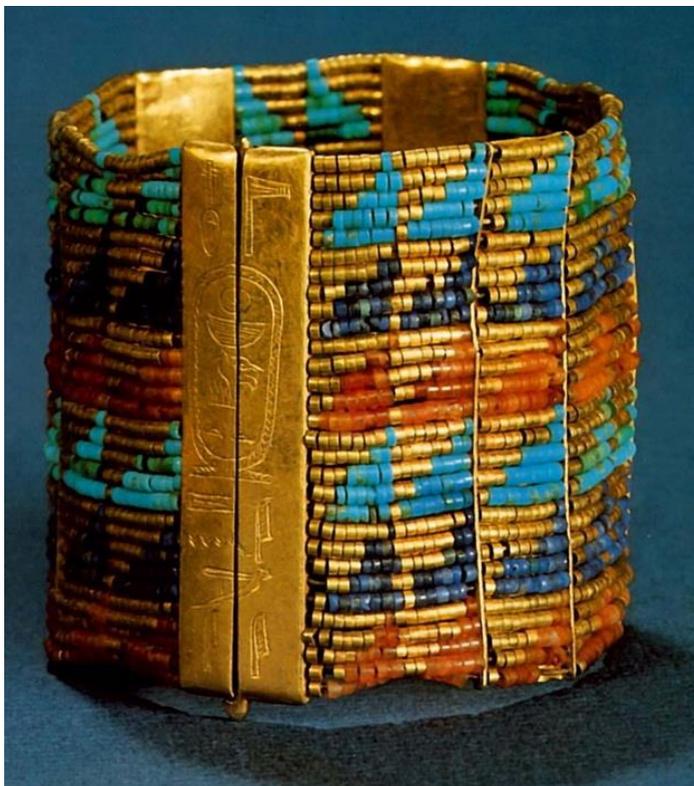


Figura 11 – Braclete da Rainha Ahhotep
Imagem cortesia do Museu Egípcio, Cairo.

A Figura 12 mostra o Peitoral do Faraó Tutankamon (XVIII Dinastia). Essa peça simboliza o nascimento da lua e do sol e faz parte da coroação do rei. A decoração é feita em *cloisonné*⁷ com cornalina, lápis-lazúli, calcita, obsidiana e vidro colorido. No centro há um escaravelho alado esculpido em calcidônia, que tem pernas de falcão e garras.

⁷ **Cloisonné** (do francês *cloison*, divisão), técnica de trabalho em esmalte na qual tiras finas de metal são coladas sobre uma superfície, formando um desenho composto por vários pequenos compartimentos preenchidos com pasta de esmalte vitrificado.



Figura 12 – Peitoral do Faraó Tutankamon
Fonte: Famous Pharaohs (2017)

A Figura 13 mostra a Uraeus, trata-se de uma cobra egípcia estilizada e vertical, usada na testa como um símbolo de soberania, realeza, de idade e autoridade divina no antigo Egito. Esta joia pertenceu a Senwosret II, é confeccionada em ouro, a cabeça em lápis-lazúli, os olhos de granada e os outras decorações em esmalte.



Figura 13 – Acessório de cabeça do Faraó Senwosret II (XII Dinastia)
Fonte: Joalheria Artesanal (2008)

Na Figura 14 pode-se ver o bracelete de escaravelho do Faraó Tutankamon. É uma peça para usar no punho, feita em ouro. São dois semicírculos unidos por uma dobradiça de um lado e um fecho no outro. A placa central contém um escaravelho em lápis-lazúli embutido no *cloisonné*. O escaravelho, símbolo do sol da manhã, era um amuleto: acreditava-se que ele garantiria uma vida protegida dos maus espíritos. Na decoração da peça também há cornalina, lápis-lazúli, turquesa, quartzo e vidro colorido.



Figura 14 – Bracelete do Faraó Tutankamon
Fonte: Famous Pharaohs (2017)

A Figura 15 apresenta um detalhe do peitoral de um colar do Senwosret II (XII Dinastia). A peça é de ouro e adornada com lápis-lazúli, turquesa e cornalina embutidas na filigrana.



Figura 15 – Detalhe do peitoral de Senwosret II
Fonte: *Metropolitan Museum of Art* (2017c)

2.2 As Joias na Grécia Antiga

Segundo os antigos gregos, as joias realçavam a beleza de quem as portava e conferiam *status* social. A maioria das joias gregas encontradas na região da antiga Pérsia era confeccionada em ouro. Mas, também foram encontradas peças em prata, bronze e até mesmo em terracota. (PEDROSA, 2006)

Os gregos receberam do oriente a técnica da ourivesaria e a desenvolveram de modo notável. O esmalte, a filigrana, a granulação e o *repousé*⁸ atestam o grau de perfeição a que atingiram os ourives gregos, que decoravam suas obras quase sempre com motivos geométricos. (ELKA, 2008)

⁸ *Repoussé* é uma técnica decorativa através da qual os desenhos de relevo tridimensionais são formados pela elevação do metal pelo verso. Isto é realizado usando golpes e martelos no metal. O metal é periodicamente recozido para evitar que ele quebre.

As joias que foram descobertas em Creta mostram fortes influências da Mesopotâmia e do Egito, mas têm um design próprio e forte.

A Figura 16 mostra as Abelhas Minoicas⁹. Este pingente de ouro ornamentado com metal granulado e *repousé*, foi encontrado no cemitério do Palácio Velho em Chrysolakkos, fora do Palácio de Malia, o 3º maior Palácio Minoico na ilha de Creta, na Grécia. Ele remonta à Idade do Bronze durante o período Protopalatial (1800 - 1700 a.C.). Esta é uma representação muito detalhada de duas abelhas com uma gota de mel para o favo de mel. As duas abelhas flanqueiam a gota de mel no centro em perfeita simetria.



Figura 16 – Abelhas Minoicas

Fonte: Acervo do Museu Arqueológico de Heraklion, Creta.

Na Figura 17 observam-se joias minoicas variadas. São artefatos em ouro das tumbas de Sellopoulos, Creta, Grécia, pertencentes ao período de 1450 a 1350 a.C.

⁹ Artefato pertencente a **civilização minoica** que se desenvolveu entre cerca de 3 000-1 100 a.C. tanto na ilha de Creta, como em diversas regiões do Egeu e Mediterrâneo, locais onde a influência minoica foi forte devido ao comércio intenso com potências e povos das proximidades.



Figura 17 – Joias minoicas variadas.

Fonte: Acervo do Museu Arqueológico de Heraklion, Creta.

A Figura 18 apresenta um par de brincos de ouro, do período Helenístico (330-300 a.C).



Figura 18 – Brincos – Período Helenístico
Fonte: *Metropolitan Museum of Art* (2017a)

Na Figura 19 tem-se um par de braceletes de ouro e cristal de rocha, do período Helenístico (330-300 a.C).



Figura 19 – Braceletes – Período Helenístico
Fonte: *Metropolitan Museum of Art* (2017a)

A Figura 20 mostra um bracelete de ouro com ornamentos em filigrana, granulação e incrustação de granada, esmeralda e ornamentos em esmalte, do período Helenístico (300-200 a.C).



Figura 20 – Braceletes – Período Helenístico
Fonte: *Metropolitan Museum of Art* (2017a)

A Figura 21 apresenta uma rede de cabelo aberta e com medalhão, do período Helenístico (200-150 a.C).



Figura 21 – Rede de cabelo – Período Helenístico
Fonte: *Metropolitan Museum of Art* (2017a)

2.3 As Joias no Império Romano

Na época dos primeiros romanos, o ouro era muito escasso; o pouco que existia era usado para comércio e guerra, em vez de adorno pessoal.

Após a incorporação ao mundo grego, houve grande mudança, sendo esse período conhecido como Império Romano. O uso de joias na sociedade romana rapidamente tornou-se popular e a maioria dos itens se assemelhavam ao estilo helenístico. O oeste da Ásia, Egito e outras culturas se tornaram importantes influências. (AJU, 2017)

Com as mesmas técnicas adotadas pelos gregos, os ourives romanos produziram obras-primas que foram encontradas pelos arqueólogos em Pompéia, Boscoreale, Hildesheim e Mildenhall.

A joalheria dos antigos romanos serviu como símbolo de classe social, de *status* e de ostentação de riqueza. (PEDROSA, 2006)

No início do período imperial, havia ênfase na obra de ouro, mas, gradualmente, a importância das gemas tornou-se maior. Na joalheria romana observou-se o uso extensivo safiras do Sri Lanka, as granadas também eram populares, assim como as esmeraldas recém-descobertas do Egito. Também, foram usadas pérolas, águas-marinhas, topázios e diamantes brutos. (AJU, 2017)

Os romanos trouxeram inovações na ourivesaria, dentre elas a técnica *opus interrasile*¹⁰ que pode ser apreciada no bracelete de ouro apresentado na Figura 22.



Figura 22 – Bracelete decorado em *opus interrasile*
Fonte: AJU (2017)

Os achados nas escavações de Pompéia e Herculano ilustram a moda do primeiro século: pulseiras distintas contendo esferas de ouro emparelhadas unidas para formar uma ampla faixa de cúpulas duplas com brincos correspondentes. Os brincos de fio dourado com gemas suspensas também eram populares. Dos registros feitos por Plínio, nota-se que pulseiras com serpentes (ver Figura 23) eram extensivamente usadas, assim como colares de gemas, brincos de

¹⁰ ***Opus interrasile*** é uma técnica de trabalho em metal que envolve a criação de um estilo de decoração perfurada feita numa superfície de metal com um cinzel ou outra ferramenta afiada. O estilo entrou em moda durante o período etrusco e foi desenvolvido ainda por ourives romanos. O estilo continuou a florescer em joias bizantinas.

pérola. Os anéis se tornaram muito populares, eram, muitas vezes, bandas simples com uma única gema entalhada em forma de selo ou uma moeda, mas foram encontrados anéis puramente decorativos com gemas ao redor. (AJU, 2017)



Figura 23 – Bracelete serpente.
Fonte: VRoma (2008)

A Figura 24 mostra um alfinete de ouro com camafeu onde o rosto feminino foi esculpido numa ametista.



Figura 24 – Camafeu de ametista, Império Romano
Fonte: VRoma (2008)

A Figura 25 mostra um colar de ouro com esmeraldas e pérolas, do primeiro século, encontrado em Pompéia, hoje é acervo do Museu Arqueológico Nacional em Nápoles.



Figura 25 – Colar Império Romano
Fonte: VRoma (2008)

Os lapidários romanos produziram algumas pedras gravadas extremamente finas. Foram encontrados excelentes camafeus, tanto da época romana, quanto em cenários medievais. Âmbar¹¹ e jet¹² foram

¹¹ O **âmbar** é uma resina fóssil muito usada para a manufatura de objetos ornamentais. Embora não seja um mineral, é por vezes considerado e usado como uma gema.

importados dos territórios conquistados no norte, muitas vezes já trabalhados pelos habitantes das províncias.



Figura 26 – Camafeu de cinco camadas, Primeiro século d.C
Fonte: AJU (2017)

Os celtas – habitantes abastados no norte da Europa – começaram a considerar o estilo de vida romano como “moda” e adotaram muitos aspectos da fabricação das joias romanas. Vice-versa, os romanos começaram a usar alguns materiais tipicamente celtas como o jet.

¹² **Jet** (do francês, *Jaiet*) é um tipo de lignite, um precursor do carvão, também considerado como gema. O Jet não é um mineral, mas sim um mineralóide. Tem origem orgânica, sendo derivado de madeira em decomposição sob pressão extrema. No período romano, foi visto como um material mágico, frequentemente usado em amuletos e pingentes por causa de suas supostas qualidades protetoras e capacidade de desviar o olhar do olho maligno.

3 A Joalheria Medieval

A Idade Média é um período da história europeia que começou após a queda do Império Romano do Ocidente (que foi acelerado pela invasão de Povos Bárbaros) e terminou com o início do Renascimento.

A Idade Média também é conhecida como a "Era das Trevas", em virtude da estagnação do progresso intelectual. O conhecimento tornou-se posse da igreja e qualquer pessoa em desacordo com o dogma católico era processada. Ao comparar com o mundo antigo dos romanos e dos gregos, observa-se que houve um declínio na produção de obras de arte. Mas, não se pode ter uma visão negativa sobre esse período, pois houve um importante avanço no artesanato e joias surpreendentes foram desenvolvidas.

3.1 As Joias dos Povos Bárbaros

Os povos bárbaros¹³ eram de origem germânica e habitavam as regiões norte e nordeste da Europa e noroeste da Ásia. Os romanos usavam a denominação "bárbaros" para aqueles que habitavam fora das fronteiras do império e não falavam a língua oficial dos romanos: o latim.

Os bárbaros trabalhavam muito bem com os metais, tanto na confecção de joias, quanto de objetos de uso doméstico ou armas. As peças mais características são as chamadas brácteas ou moedas cunhadas apenas de um lado, assim como as presilhas e fivelas esmaltadas com a técnica *cloisonné*.

¹³ Os bárbaros dividiam-se em diversos povos distintos que habitavam as regiões dos rios Reno, Danúbio, Vístula e a região dos mares do Norte e Báltico, a Germânia. Os grupos bárbaros dividem-se em Tártaro-mongóis (hunos, turcos, búlgaros, húngaros – magiares), Eslavos (russos, poloneses, tchecos, sérvios) e germanos (visigodos, ostro-godos, hérulos, anglos, saxões, lombardos, vândalos e francos).

Devido ao contato com os povos do Oriente Próximo e Extremo Oriente, os povos bárbaros demonstravam excelente domínio das técnicas da fundição de metal: a *tauxia* ou damasquinagem¹⁴ e a filigrana. (ARTE UNIVERSAL, 2000)

Grande complexidade técnica, materiais finos e projetos arrojados são palavras-chave quando se fala das "joias bárbaras".

A Figura 27 mostra um medalhão em ouro decorado com filigrana e *cloisonné*.



Figura 27 – Medalhão dos Povos Bárbaros
Fonte: Arte Universal (2000, v. 1)

¹⁴**Damasquinagem** é uma técnica para decorar metal, desenvolvida em Damasco, na Síria, que consiste em incrustar/embutir desenhos em ouro, prata ou cobre numa peça de metal menos brilhante como aço oxidado escuro, ferro ou cobre, para produzir padrões decorativos.

Na Figura 28, também se pode observar os adornos em filigrana neste escudo feito em cobre.



Figura 28 – Escudo dos Povos Bárbaros
Fonte: Arte Universal (2000, v. 1)

Uma bela gargantilha em ouro pode ser vista na Figura 29.



Figura 29 – Gargantilha em ouro
Fonte: Arte Universal (2000, v. 1)

Ao longo do tempo, os bárbaros conquistaram e estabeleceram-se em novos territórios, converteram-se ao cristianismo e suas joias ficaram sujeitas a influências bizantinas.

3.2 As Joias no Império Bizantino

Na Antiguidade, o imperador romano Diocleciano (reinado de 284 a 305,) dividiu o Império Romano em duas partes, a ocidental e a oriental. Após o colapso vivido pelo Império Romano do Ocidente (séc. V) em virtude da invasão dos povos Bárbaros, o Império Romano do Oriente sobreviveu e continuou a prosperar. Constantino, o imperador sucessor, reunificou o império novamente, mas mudou a capital para a antiga cidade grega de Bizâncio, que posteriormente tornou-se Constantinopla (atualmente, Istambul). A partir daí tem-se um período chamado de Império Bizantino.

A fabricação das joias do Império Bizantino é uma continuidade das tradições romanas, que formaram as bases das habilidades de ourives bizantinos. Contudo, as joias bizantinas não eram cópias das romanas, houve algumas inovações, como o uso da iconografia cristã e a especialização adicional de novas e antigas técnicas.

Os bizantinos possuíam grande predileção por adornos pessoais. As joias eram extremamente valorizadas e consideradas um sinal de prosperidade econômica. Pescoços, cabelos, orelhas, cinturas, mãos, roupas e sapatos, enfim, praticamente todas as possibilidades de decorar o corpo com joias foram usadas. Grandes colares com gemas para as senhoras, enquanto os homens usavam ornamentos peitorais, muitas vezes com base em moedas, que podem ter servido de decorações militares ou algum outro símbolo de *status*. (AJU, 2017)

A cruz cristã passou a ser o símbolo preferido para a proteção, normalmente usado como pendente por crianças, soldados e mulheres. Uma maneira típica bizantina era usar as gemas lapidadas em *cabochons* polidos e colocá-las em molduras (como a atual cravação chatão), tal como pode ser observado na cruz apresentada na Figura 31.

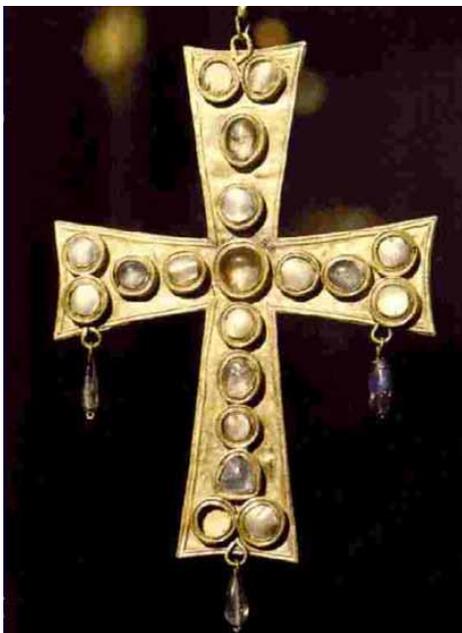


Figura 30 – Cruz com molduras para cravar as gemas
Fonte: Arte Universal (2000, v. 1)

Os Braceletes eram muitas vezes usados aos pares; as pulseiras de cobras ainda eram populares; havia também a nova pulseira com uma dobradiça. Os anéis eram populares em todo o império, às vezes, tinham uma gema, outras vezes feitos apenas de metal inscrito. Os brincos grandes e pendentes também eram típicos.

No Império Bizantino, as gemas tinham maior importância que o ouro e proliferaram os trabalhos com incrustações de gemas, tal como pode ser visto na Figura 31, um detalhe de peça em ouro com figura feita em esmalte.



Figura 31 – Ourivesaria Bizantina
Fonte: Arte Universal (2000, v. 1)

Os ourives bizantinos aperfeiçoaram as técnicas filigrana, granulação e *opus interrasile*. A partir do 9º século, a técnica do *cloisonné* com esmalte (ver Figura 32) se tornou muito popular. Essa técnica veio do oeste e foi uma forma de se obter joias policromadas. Os joalheiros bizantinos tornaram-se peritos na execução desta técnica e usaram muito para descrever santos.



Figura 32 – Relicário Bizantino – 800 d.C.
Fonte: AJU (2017)

Os ourives também trabalhavam metais mais baratos como o bronze e utilizavam o vidro no lugar da gema, para confeccionar peças para a população mais humilde. (PEDROSA, 2006)

3.3 As Joias no Estilo Românico

A Arte Românica faz referência a um estilo que surgiu durante a Idade Média (entre os séculos XI e XIII) relacionada com às influências do Império Romano que dominou durante séculos quase toda a Europa Ocidental na Antiguidade.

O estilo românico destacou-se na arquitetura, pintura e escultura. A maior parte das joias românicas foi dedicada à igreja. As joias pessoais foram menos importante no início do período românico.

Os estilos e técnicas utilizados na produção de joias no período românico são semelhantes aos do Império Bizantino. A temática cristã foi a mais frequente e a densa decoração de superfície era um remanescente dos tempos germânicos. Um bom exemplo é visto na Figura 33, a coroa imperial, com a superfície toda decorada com incrustação de gemas, uma joia românica da 2ª metade do séc. X.



Figura 33 – Cruz com incrustação de gemas.
Fonte: AJU (2017)

Uma curiosidade, nas joias românicas tem-se a impressão que as gemas foram recicladas das joias bizantinas, pois muitas fixadas com cravação chatão/inglesa em joias reais possuem furos, indicando que elas tinham um propósito diferente em uma data anterior.

No período românico, geralmente, as joias pessoais eram funcionais, mas às vezes, puramente decorativas. Cintos, broches e anéis de brasão (selo/assinatura) são os melhores exemplos de itens transformados em joias. Os broches foram usados para fixar vestuários ou costurados em vestidos de estilo bizantino. Minerais e pérolas foram usados para realçar tecidos finos ou bordados para enriquecer peças de vestuário, tal como a luva ricamente bordada, apresentada na Figura 34.



Figura 34 – Luva bordada com gemas.
Fonte: AJU (2017)

Nos cintos, as fivelas eram feitas de metal precioso e o couro geralmente adornado com gemas.

As vestes pesadas desses tempos deixavam espaço para joias. A qualidade do tecido e do bordado, juntamente com os broches costurados no vestuário, era uma maneira predominante de expressar *status*. Os camafeus, especialmente os romanos e os bizantinos, estavam altamente na moda.

3.4 As Joias Góticas

A arte ou estilo gótico¹⁵ desenvolveu-se na Europa na última fase da Idade Média (séculos XII e XIV), num período de profundas transformações em que se assistiu à superação da sociedade feudal e à formação de novos centros de poder: as primeiras monarquias, as grandes cidades, o clero, as classes novas e ricas dos comerciantes e dos banqueiros. Tem início uma economia fundamentada no comércio, fazendo com que o centro da vida social se desloque do campo para a cidade e apareça a burguesia urbana. (IMBROISI; MARTINS, 2017)

No final do século XIII, houve uma mudança gradual do estilo românico para o gótico. No século XIV, se vê pouca influência do estilo arquitetônico na joalheria, mas no século XV sua influência aumentou.

Na sequência, é apresentado um relicário da metade do século XIV e no detalhe da peça pode-se observar motivos arquitetônicos aplicados nesta joia, também ornamentada com gemas e esmalte.

¹⁵ O termo gótico foi referido pela primeira vez pelo renascentista Giorgio Vasari, no século XVI, para expressar o obscurantismo da arte medieval. Por isso ele a relacionou com os godos, povo germânico que invadiu e destruiu Roma, em 410. Assim, Vasari cria o termo gótico com fortes conotações pejorativas. Posteriormente, a denominação gótica perdeu seu caráter depreciativo e ficou definitivamente ligado à arquitetura dos arcos ogivais. (CHAPUIS, 2000)



Figura 35 – Detalhe de Relicário com motivos arquitetônicos góticos.
Fonte: AJU (2017)



Figura 36 – Relicário estilo Gótico.
Fonte: AJU (2017)

Nas joias, em vez de formas arredondadas foram usadas as pontiagudas; a decoração de superfície pesada e densa do estilo românico foi substituída por desenhos mais simples e elegantes, contornos mais definidos. O trabalho com esmalte tornou-se ainda mais bonito e foi usado de forma mais elaborada. Em torno de 1.290 d.C.,

surgiram trabalhos com o esmalte de *basse-taille*¹⁶, que provavelmente deriva da antiga técnica do esmalte de *champlevé*¹⁷. A Figura 33 mostra uma joia em prata decorada com esmalte de *basse-taille*, da segunda metade do séc. XIV.



Figura 37 – Joia em prata com esmalte de *basse-taille*.
Fonte: AJU (2017)

¹⁶ **Esmalte de *basse-taille*** (do francês: *basse* = baixo; *taille* = gravura) é uma técnica semelhante ao esmalte *champlevé* com algumas diferenças.

Através de variadas ferramentas, o desenho é gravado em diferentes níveis de relevo (do raso baixo relevo para um relevo com maior profundidade). Isso permite que a cena ganhe mais profundidade do que os esmaltes *champlevé* tradicionais. Como esse efeito contrastante só pode funcionar com esmaltes transparentes, o metal deve ser ouro ou, ocasionalmente, a prata. Ao aplicar o mesmo esmalte em várias profundidades, é possível alcançar uma boa ilusão de 3D na imagem. As áreas mais profundas obtêm um tom mais escuro através da espessura do esmalte, enquanto as mais rasas um tom mais claro. (BROM, 1937)

¹⁷ ***Champlevé*** (do francês: *champ* = campo e *lever* = elevar) é uma técnica de esmalte usada nas artes decorativas e na ourivesaria. Numa superfície metálica, é feito o baixo relevo de uma figura através do uso do buril ou cinzel. A região 'escavada' é preenchida com esmalte vítreo, então a peça é queimada até o esmalte fundir; após resfriado, faz-se o polimento para que o esmalte fique nivelado na superfície metálica. Embora o nome seja campo elevado, na prática a área a ser esmaltada é rebaixada. Essa técnica surgiu durante o século XII na área de Reno-Mosan e Limoges (embora já tenha sido conhecida pelos celtas no período cristão primitivo). É possível que os artistas dessa região tenham sido influenciados pelo esplendor dos esmaltes de *cloisonné* bizantino, trazido através das cruzadas.

Cerca de 70 anos depois, uma técnica mais complexa foi inventada: o esmalte *ronde-bosse*¹⁸, permitindo que os esmaltes coloridos fossem usados num trabalho tridimensional.

No período gótico, as gemas desempenharam um papel cada vez mais importante na joalheria. Ocorreu um suprimento maior de gemas do Oriente, houve aumento do uso de gemas lapidadas. As técnicas de lapidação de gemas desenvolvidas por lapidários indianos e persas foram introduzidas na Europa pelos venezianos. Os diamantes beneficiaram-se mais desta inovação, pois até aquele momento, apenas os octaedros naturais (no caso de diamantes) e *cabochons* (no caso de pedras coloridas) foram utilizados em joias. No século XIV uma mudança nos modelos das joias pode ser observada, o brilho da gema tornou-se o ponto central da joia.

No início do período gótico, cintos e broches foram as peças mais usadas, porque o vestuário de ambos os sexos deixavam um pequeno espaço para joias. Os cintos eram de couro decorado com placas, fivelas e ponteiras de ouro. Os camafeus (ver Figura 38) não perderam a popularidade e foram colocados sobre broches.

¹⁸ **Ronde-bosse** (do francês: *ronde* = circular; *bosser* = trabalhar) ou esmalte incrustado é uma técnica aplicada em formas tridimensionais. Ao contrário das técnicas com alto-relevo ou baixo relevo, nesta o esmalte é aplicado cobrindo inteiramente a peça. O ouro, a prata são parcialmente ocultados a partir da figura que foi formada.



Figura 38 – Camafeu sobre broche – séc. XIII
Fonte: AJU (2017)

Os anéis eram usados em todos os dedos, às vezes, vários por dedo; eram decorados com gemas (gravadas). Os anéis também faziam parte da cerimônia de casamento. A coroa foi outra joia utilizada em cerimônia de casamento. Casar com uma coroa tornou-se tão comum que as igrejas tinham algumas em estoque para aqueles que não podiam comprar, nem alugar.

Na década de 1450, o vestido de pescoço alto caiu de moda e abriu espaço para um novo vestido elegante com um pescoço baixo. Isso provocou o retorno do pingente. Outras joias que eram usadas ao redor do pescoço eram as coleiras típicas usadas pelos nobres. Originalmente feito de um tecido fino como seda ou veludo e decorado com placas de ouro, o colar gradualmente era feito de ouro apenas. Discos dourados ou placas seriam anexados para formar uma corrente. Os colares foram

decorados com desenhos simbólicos e frequentemente indicavam adesão à ordem de um cavaleiro ou função específica. Na Europa, o prefeito de uma cidade ainda usa colar em ocasiões oficiais.

4 A Joalheria na Idade Moderna

4.1 As Joias na Renascença

O Renascimento é um período da História da Europa, aproximadamente entre fins do século XIV e o fim do século XVI, que marca a transição da Idade Média para a Idade Moderna. Originou-se na Itália, região da Toscana, devido à prosperidade de cidades como Veneza, Gênova, Florença, Siena, Roma e espalhou-se por toda a Europa.

Foi chamado Renascimento em virtude da redescoberta e revalorização das referências culturais da Antiguidade Clássica, que nortearam as mudanças deste período em direção a um ideal humanista e naturalista. Neste período ocorreram muitas transformações na cultura, sociedade, economia, política e religião, caracterizando a transição do feudalismo para o capitalismo e significando uma ruptura com as estruturas medievais. Apesar destas transformações, o termo Renascimento é comumente empregado para descrever seus efeitos nas artes, na filosofia e nas ciências. (BROTTON, 2006)

O renascimento marcou uma nova era na joalheria. As joias deixaram a temática religiosa e simbólica, para ter um estilo mais moderno, elegante e passaram a ser usadas para a beleza e a moda.

A joalheria deixou de ser patrocinada pelo clero e passou a ser patrocinada pela burguesia. O ofício de ourives começou a ganhar *status* de arte assim como a pintura e escultura. (SKODA, 2012)

As técnicas de ourivesaria abrangiam a arte do niello, a filigrana, a esmaltação, cravação de gemas, lapidação de diamante, fundição, e muitos outros aspectos do ofício de ourives.

No início do século XVII, uma nova técnica foi inventada: o esmalte em *résille*¹⁹.

A Figura 39 mostra a caixa de relógio no formato octogonal alongado, feita em latão dourado adornada com esmalte em *résille* sobre vidro azul.



Figura 39 – Adorno com esmalte *résille* sobre vidro - Acervo *Ashmolean Museum*
Fonte: Ashmolean (2017)

¹⁹ **Resillé** é uma técnica de esmalte muito rara que fica entre o esmalte de *champlevé* e a glifografia de entalhe. O grafismo era esculpido sobre o vidro, cristal ou gema e revestida de ouro, para depois ser esmaltada. Foi popular durante um curto período de tempo no início do século XVII.

As gemas coloridas permaneceram muito populares, sendo a safira, rubi e esmeralda as mais procuradas. Com as navegações e a descoberta das Américas, a Europa foi abastecida de ouro, prata e gemas. Além de Lisboa, Barcelona tornou-se um importante centro comercial de gemas coloridas após descoberta da América do Sul pelos espanhóis e portugueses. Em meados do século XVI, os espanhóis localizaram os depósitos de esmeralda na Colômbia e minas ali estabelecidas. Os portugueses também ocuparam o Sri Lanka, obtendo acesso direto aos depósitos de coríndon (o rubi pertence a esse grupo de mineral) na ilha. Os rubis birmaneses foram altamente apreciados por sua cor suprema. As pérolas foram extremamente populares e foram obtidas principalmente do Golfo Pérsico.

Neste período, cresceu a imitação de gemas e as de vidro eram bem comuns. Vidro, cristal de rocha ou zircão incolor do Sri Lanka entraram no mercado para imitar o diamante. Em Veneza, a produção de pérolas falsas tornou-se um problema, então surgiram leis e penas severas aos falsários: 10 anos de exílio e a perda da mão direita.

Dentre as joias usadas no Renascimento, o pingente foi a mais importante. Ele substituiu o uso do broche medieval e foi usado em colar, em longa corrente de ouro, fixado no vestido (ver Figura 40) ou em corrente usada no cinto. Os pingentes costumavam ser vistos de ambos os lados com as costas esmaltadas, igualmente impressionantes, como a frente incrustada de gemas.



Figura 40 – O uso das joias na Renascença

Fonte: *All About Gemstones* (2012)

Também era comum o uso de brincos (ver Figura 41), broches e joias para o cabelo e chapéu. Os adornos de chapéus eram feitos de ouro esmaltado, com motivos mitológicos ou religiosos. Camafeus (ver Figura 43) também começaram a ser introduzidos na composição destes adornos.



Figura 41 – Brincos na Renascença
Fonte: AJU (2017)



Figura 42 – Camafeu em pingente
Fonte: AJU (2017)

Era costume usar vários anéis na mesma mão. Compartimentos ocultos abaixo da gema permitiam acondicionar soluções perfumadas que eram usadas para disfarçar os maus odores resultantes de uma má higiene.

O *pomander*²⁰ (ver Figura 43) era outro item de joalheria usado para camuflar maus odores. Em seu interior, colocava-se uma goma perfumada ou perfume. Geralmente, era forjado em ouro ou prata e ricamente adornado com filigrana, desenhos em esmaltes, pérolas entre outras gemas preciosas. Muitos *pomanders* foram gravados com iniciais e inscrições especiais de proteção ou desenhos com significados simbólicos, tais como: navios, crânios, caracóis, livros, maçãs, corações e crucifixos.



Figura 43 – *Pomander*: uma joia aromática - Acervo *Victoria and Albert Museum*
Fonte: VAM (2017)

²⁰ ***Pomander*** (não tem tradução) é um recipiente perfurado, geralmente esférico, mas pode ter outros formatos, tem a finalidade de acondicionar substâncias que cheiram doce, como ervas e especiarias. Seria um difusor aromático, atualmente, usa-se para perfumar os ambientes ou armários e gavetas; no passado foi usado como uma suposta proteção contra a infecção.

Havia vários tamanhos de *pomanders*; eles eram presos em cintos de correntes usados ao redor da cintura ou eram usados como pingentes de colares, enquanto outros eram feitos como contas ou mesmo rosários (ver Figura 44). O tamanho dos *pomanders* foi diminuindo e, no início do século XVIII, eles tinham não mais que 1 ou 2 centímetros e podiam ser anexados a delicadas correntes de pescoço ou chatelaines ou até moldados em botões ou anéis.



Figura 44 – O uso do *pomander* no Renascimento
Fonte: AJU (2017)

4.2 As Joias Barrocas

No final do Renascimento surgiu o Barroco: um novo estilo que dominou a arquitetura, a pintura, a literatura e a música na Europa do século XVII. Por isso, toda a cultura desse período, incluindo costumes, valores e relações sociais é chamada de "barroca".

O Barroco manifestava-se através de grande ostentação e extravagância entre os grupos beneficiados pelas riquezas da colonização. Todo o rebuscamento presente na arte e literatura barroca é reflexo dos conflitos dualistas entre o terreno e o celestial, o homem (antropocentrismo) e Deus (teocentrismo), o pecado e o perdão, a religiosidade medieval e o paganismo presente no período renascentista.

Com o início século XVII, houve uma mudança gradual na aparência das joias, passando do estilo renascentista para o Barroco. Os adornos em arabescos, simetria e um tipo diferente de configuração das gemas geraram essas mudanças.

Na moda houve mudanças; no vestuário feminino, os decotes ficaram mais baixos deixando a mostra o pescoço e o colo, que passaram ser adornados por conjuntos de joias de pérolas (ver Figura 45). O Golfo Pérsico foi o principal fornecedor da pérola naquele período. Também foram produzidas imitações de pérolas e esferas de vidro.



Figura 45 – Henrietta Anne Duquesa de Orleans - Pintura de Pierre_Mignard
Fonte: AJU (2017)

Os diamantes (ver Figura 46) também eram extremamente populares durante o período barroco. A disponibilidade deles aumentou bastante devido ao intercâmbio intenso com a Índia pelas empresas comerciais portuguesas, britânicas e holandesas que chegaram ao país pelo mar. O termo "brilhante" começou a ser usado para descrever diamantes lapidados com facetas. Os Brilhantes Barrocos eram predominantemente quadrados. A prata foi usada em cravações para dar uma ideia que os diamantes eram maiores, além de realçar o brilho da gema.



Figura 46 – Detalhe de um pingente de diamante Barroco.
Fonte: AJU (2017)

O rubi, a esmeralda (ver Figura 47) e o topázio foram as gemas coloridas mais apreciadas. Joias de imitação de alta qualidade com strass foram produzidas em grande escala para atender a alta demanda da crescente burguesia.



Figura 47 – Pingente Barroco de ouro e esmeralda.
Fonte: AJU (2017)

O esmalte continuou sendo usado, mas perdeu força. As gemas lapidadas foram o ponto alto. Os cortes e a lapidação foram aprimorados e os joalheiros começaram a dar ênfase às gemas.

O comércio internacional prosperou permitindo que a classe média de comerciantes e artesãos aumentassem consideravelmente sua riqueza. Dessa forma, a burguesia começou comprar tipos de joias que, até então, eram reservadas apenas aos nobres. No século XVII, surgiram as joalherias de varejo, distintas do joalheiro artesanal do passado.

O período final do Barroco (século XVIII) é chamado de Rococó e possui algumas peculiaridades, embora as principais características do Barroco estejam presentes nesta fase. No Rococó há curvas e muitos detalhes decorativos (conchas, flores, folhas, ramos). Os temas

relacionados à mitologia grega e romana, além dos hábitos das cortes também aparecem com frequência.

Embora o estilo Rococó seja no período georgiano, ele complementa a parte barroca tardia. O esmalte foi completamente abandonado como técnica decorativa em joias. O estilo Rococó está presente principalmente em joias funcionais, como chatelaines e caixas decorativas.

4.3 O Período Romântico e as Joias na Era Victoriana

O Romantismo foi um movimento que surgiu na Europa no fim do século XVIII e perdurou até meados do século XIX. Opunha-se ao classicismo, ao racionalismo e Iluminismo. Influenciou a literatura, a pintura, a música, a arquitetura e a política. As características principais deste período são: valorização das emoções, liberdade de criação, amor platônico, temas religiosos, individualismo, subjetivismo, idealização, sentimentalismo exacerbado, egocentrismo, nacionalismo e história.

No Período Romântico, no Reino Unido, destaca-se a "Era Victoriana" devido ao longo reinado da Rainha Victória (1837-1901). Nos primeiros anos Victorianos, de 1837 a 1860, ocorreu o casamento da rainha com o príncipe Albert, em 1840. (DRAKE, 2008).

Para as mulheres victorianas, as joias representavam mais que adorno pessoal, também eram um meio de expressar sentimentos. Os cabelos eram considerados um bem inestimável da mulher victoriana e, nessa época, passaram a fazer parte de joias que expressavam sentimentos e desejos femininos. Durante anos, foi muito popular a utilização de uma joia (broche, pendente, anel ou relógio) contendo uma mecha de cabelos da pessoa amada, geralmente colocada nas costas da peça. (PEDROSA, 2006)

Nesse período os camafeus (ver Figura 48) eram imensamente populares.



Figura 48 – Broche Victoriano com Camafeu em Coral
Fonte: AJU (2017)

As *chatelaines* (Figura 49) foram uma das joias mais necessárias à moda vitoriana. Foram inspiradas nos antigos cintos das castelãs medievais, usava-se na altura da cintura e objetos domésticos tais como tesouras, moedeiras, lápis, bloco de notas, relógio e chaves, eram presos a ela por correntes. As *chatelaines* podiam ser feitas de ouro, prata, folheado de prata e aço. (PEDROSA, 2006)



Figura 49 – *Chatelaine*
Fonte: Drake (2008)

5 A Joalheria na Idade Contemporânea

5.1 Pós Revolução Industrial e os primeiros passos do Design Industrial

Antes da revolução industrial²¹ (segunda parte do século XIX), os artesãos criavam e produziam objetos em cerâmica (ceramistas), madeira (marcenaria), metal (metalurgia), vidro e cristais (vidreiros), entre outros.

Com a primeira Revolução Industrial objetos que antes eram artesanato passaram a ser produzidos em série. Entretanto, a precariedade da indústria nascente resultou em produtos mal acabados e que tentavam imitar os produtos artesanais. Isso gerou um impacto que levou ao surgimento de três movimentos de oposição ao processo industrial, que ocorreram paralelamente, mas em diferentes pontos geográficos e são apresentados na sequência:

- *Arts and Crafts* (Inglaterra);
- *Art Nouveau* (Glasgow e disseminou-se pela Europa);
- *Deutscher Werkbund* (Berlim).

5.1.1 As Joias no Movimento *Arts and Crafts* (Artes e Ofícios)

O movimento *Arts and Crafts* (1850-1900) foi criado por William Morris, na Inglaterra. O intuito do movimento era defender o artesanato criativo em oposição à mecanização e integrar o artesanato a arte. Este movimento pode ser considerado o primeiro movimento precursor do design como hoje é entendido. O artesão-artista foi o profissional que deu origem ao designer.

²¹ A Revolução Industrial foi um período de transição onde os métodos de produção artesanal foram substituídos por novos processos de manufatura onde a produção era feita por máquinas; ocorreu no período entre 1760 a até aproximadamente 1840. Iniciou na Inglaterra e em poucas décadas se espalhou para a Europa Ocidental e os Estados Unidos.

Na Era Vitoriana, as joias tinham um aspecto de sentimentalismo melancólico (até mesmo o luto) e o movimento *Arts and Crafts* renovou a criação e fabricação de joias, trazendo variações de cores esmaltadas, gemas reluzentes lapidadas em cabochons e design sinuoso atraíram a imaginação de um grupo particularmente ambicioso de indivíduos artísticos.

A influência do design japonês (após a exibição de 1862, de objetos decorativos japoneses), bem como o uso inovador de metais mistos começou a se infiltrar em design de joias.

Buscava-se manter o custo das joias acessível para a classe média. Na verdade, os artesãos até evitavam o uso de pedras preciosas; a prata (encontrada em abundância no final do século XIX), o alumínio e o cobre eram usados como a base para as criações. O ouro geralmente era usado em pequenos detalhes. Uma textura martelada era popular em virtude do brilho mais suave contrastando com áreas lisas e brilhantes (polidas) feitas a máquina. Pérolas barrocas, madrepérola e pérolas de água doce foram usadas frequentemente. Gemas como a pedra da lua, turquesa, granada, opala e ametista costumavam ser lapidadas no formato cabochão e fixadas através da cravação inglesa (chatão/moldura).

Charles Robert Ashbee – arquiteto/designer inglês/joalheiro – foi um homem de imensos talentos e energia, figura definitiva no Movimento de *Arts and Crafts*. Ele contribuiu com um dos pontos-chave, que o valor da joia se encontra em seu design, não no valor monetário dos materiais utilizados. A Figura 50 e Figura 51 são exemplos das joias criadas por Ashbee.



Figura 50 – Broche Pássaro (1900), em prata e no centro a gema granada.
Fonte: Nasvete (2017)



Figura 51 – Fivela (1902).
Fonte: Nasvete (2017)

John Paul Cooper foi um arquiteto e também artesão líder no Movimento de *Arts and Crafts*, especializado em metalurgia e joalheria. Ele é particularmente conhecido pelo uso de materiais como a pele/couro e o ovo de avestruz em combinação com metais preciosos e gemas.



Figura 52 – Broche *Arts & Crafts* criado por John Paul Cooper
Fonte: Artnet (2017)



Figura 53 – Broche (1908) *Arts & Crafts* criado por John Paul Cooper
Fonte: Artblart (2017) *Museum of Fine Arts, Boston*.

Algumas das empresas mais bem sucedidas realmente usaram sistemas mecanizados para produzir joias projetadas pelos mais populares artesãos *Arts and Crafts* resultando em um sucesso de mercado em massa. A *Liberty & Co.* foi uma das empresas mais prevalentes. Abraçando o idealismo estético, mas não o artesanal, Arthur Liberty adaptou *Arts and Crafts* para produção em massa. Os altos padrões de produção da *Liberty* garantiram uma ampla base de clientes para suas joias. Às vezes, induzindo a participação dos clientes na escolha de esmaltes e pedras preciosas, a *Liberty* garantia sua popularidade com o público comprador de joias. A Figura 54 mostra como era e estratégia de vendas de joias da empresa.



Figura 54 – Catálogo de venda das joias
Fonte: *Lang Antiques* (2017)

Na Figura 55 pode-se observar a criação de Archibald Knox para a *Liberty & Co.*: um pente com uma opala no centro e decoração em esmalte.



Figura 55 – Pente com uma opala ao centro e decoração em esmalte
Fonte: *Lang Antiques* (2017)

A seguir, um colar *Arts and Crafts*, em prata e esmalte, da *Liberty & Co.*



Figura 56 – Colar com ornamentos em esmalte
Fonte: *Tadema Gallery* (2017)

Charles Horner foi outra empresa inglesa que fazia joias em massa no contexto *Arts and Crafts*. A Horner tinha a própria produção e dominava todo o processo desde o design até a joalheria acabada. A Horner foi a mais produtiva de todas as empresas que trabalham neste movimento.

A pulseira de prata e esmalte apresentada na Figura 57 foi produzida em 1909, pela Charles Horner.



Figura 57 – Pulseira prata e esmalte
Fonte: acervo do *Victoria & Albert Museum Collection*

Nos Estados Unidos, o Movimento *Arts and Crafts* foi fortemente influenciado pelos designers britânicos. *Arts and Crafts Societies* surgiu em Boston, norte do estado de New York, Chicago e teve uma forte concentração em joias. Os americanos produziram uma versão mais estilizada com uma paleta mais pálida e desenhos mais simplistas, como correntes onde os elos permitiam encaixe no estilo clips de papel.

A joia *Arts and Crafts* americana era, geralmente, muito prática e menos frívola do que nos períodos predecessores. Os fechos para capas, fivelas de cinto e cintos foram produzidos com ornamentos em esmalte e gemas (pedras preciosas). Provavelmente, a produção dos ornamentos de cabelo era mais elaborada do que as tiaras com diamantes, pois eram esculpidos em chifres ou marfim. As poucas tiaras que foram feitas no *Arts and Crafts* foram projetos naturalistas com esmalte em vez de gemas preciosas. Poucos brincos e anéis foram produzidos, porque não estavam proeminentes em voga na época. Os colares eram o adorno mais importante e, muitas vezes, consistiam em correntes que estavam penduradas, enroladas e enfeitadas com pendants ornamentados em esmalte e gemas lapidadas em cabochon.

Placas de esmalte *Plique-à-jour*²² foram trabalhadas em coleiras para cães. Insetos, flores e folhas de plantas foram temas comuns para broches. As pulseiras geralmente alternavam placas de estilo medalhista, conectadas através de corrente, fitas e flores.

Tanto na Inglaterra como em outros países, o movimento *Arts and Crafts* foi diminuindo no período da pré-Segunda Guerra Mundial e as associações de artesãos quase desapareceu após a guerra. Os artesãos individuais continuaram a trabalhar segundo os princípios *Arts and Crafts*, adaptando seu trabalho às novas preferências do público e lançando novas propostas e buscando outros caminhos com uma metamorfose para o Movimento Modernista. Os joalheiros independentes, que trabalhavam em um estilo artesanal usando as técnicas que aprenderam no auge do movimento *Arts and Crafts*, continuaram a produzir joias populares sem o apoio das associações dedicadas à revolta idealista contra bens fabricados em máquinas.

5.1.2 As Joias no Movimento *Art Nouveau* (Arte Nova)

O movimento *Art Nouveau* (1880-1914) recebeu diferentes denominações: *Modern Style* na Grã-Bretanha; *Liberty*, na Itália; *Sezessionstil*, na Áustria; e *Jugendstil*, na Alemanha. Mas todos apresentavam as mesmas propostas estéticas, teóricas e culturais. (MORAES, 1997)

O período em que o *Art Nouveau* se desenvolveu também é conhecido por *Belle Époque*, assim denominado em virtude do otimismo e marcado pelo desenvolvimento material, intelectual, cultural, artístico e científico, que surgiu em 1871 e durou até o início da Primeira Guerra Mundial.

²² *Plique-à-jour* é um termo francês que denomina uma técnica de pintura em esmalte. Similar ao vitral, o design tem um contorno com filamento de metal com várias transparências coloridas... esmalte como vidro.

O *Art Nouveau* foi uma manifestação estética que valorizava os ornamentos e as curvas sinuosas baseadas nas formas elegantes da natureza. A arquitetura, a decoração, os objetos, o vestuário e, também, a joalheria foram influenciados pelo *Art Nouveau*. (TAMBINI, 1999)

Um tema predominante foi a linha de fluxo livre. Uma marca registrada desse movimento foi a "curva de chicote", uma denominação para se referir as curvas violentas e repentinas geradas pelo estalar de um chicote. As curvas foram usadas para sugerir o movimento e eram uma interpretação das formas e linhas encontradas nas plantas, cabelos de uma mulher, curvas femininas.

As joias *Art Nouveau* eram feitas geralmente em bronze, ouro e prata, uma vez que necessitavam de materiais de fácil fundição para a reprodução das curvas, marca registrada desse movimento. As gemas eram aplicadas para ressaltar a importância da natureza. Foram amplamente utilizadas: opala, pedra da lua, pérolas. Por serem texturizados e com a possibilidade de serem esculpidos para fluir com a "linha", foram utilizados o chifre, o osso e marfim. Um renascimento e reinvenção do esmalte foi crítico na adição de cor e dimensão ao trabalho. O esmalte *Plique-à-jour* foi redescoberto e usado magnificamente para criar interpretações naturais translúcidas de plantas e asas de insetos, transmissão de luz e mistura em cores de fundo, trazendo as jóias vivas. O esmalte *Champlevé* foi aplicado magistralmente em novas formas de adicionar profundidade e mistério. O *pâte de verre*, uma espécie de vidro, podia ser manipulado para atingir a aparência semelhante a uma gema, moldado e polido em todos os tipos de objetos e foi usado extensivamente ao longo deste período.

Os detalhes ornamentais expressavam temas da natureza, principalmente: figuras femininas, flores (Figura 59), pássaros (Figura 60), insetos e répteis.

Os joalheiros *Art Nouveau* exploraram a forma feminina (Figura 58) combinando-a com elementos do mundo natural, tal como, asas de

borboleta; e a criatura de fantasia resultante poderia voar com cores e sensualidades. Essas criações apareceram em diademas, broches, pingentes, pulseiras e anéis. O "culto da figura feminina" governou o mundo do design.

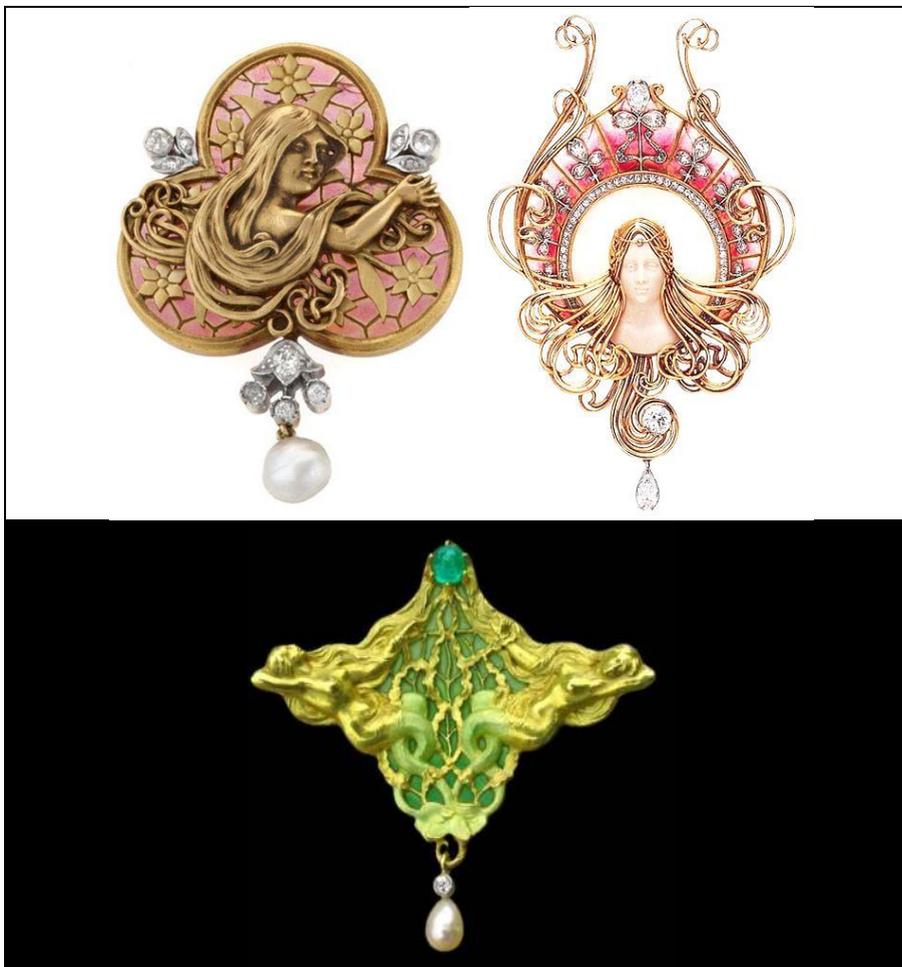


Figura 58 – Pingentes inspirados na beleza feminina
Fonte: Christie's (2017)



Figura 59 – Pingentes inspirados em flores
Fonte: Grosvenor (2008)



Figura 60 – Colar cisne em ouro, rubi, pérola barroca e esmalte.
Fonte: Rijksmuseum

Os insetos (Figura 61) como criaturas de fantasia, especialmente libélulas e borboletas, foram interpretados de várias maneiras e meios; besouros, gafanhotos, aranhas e outros insetos também inspiraram os joalheiros trabalhando na proposta *Art Nouveau*. O esmalte *Plique-à-jour* foi a técnica ideal para fornecer cor, luz e vida às asas de coloridas e brilho furtacor de alguns insetos.



Figura 61 – Pingente inspirado em inseto
Fonte: Grosvenor (2008)

O francês René Lalique (1860-1945) foi um dos principais expoentes do movimento *Art Nouveau*. O interesse pelos cristais-de-rocha e pelas possibilidades praticamente ilimitadas do vidro levou Lalique a experimentos na fabricação de joias e outros objetos de adorno. Dotado de uma técnica inovadora, Lalique introduziu na confecção de joias e outros objetos preciosos, materiais como ossos de chifres de

animais, aliando o visual apresentado pelo material com suas qualidades tácteis. Lalique reagiu contra a produção industrial do final do séc. XIX e criou joias elegantes, fantásticos desenhos com relativamente poucas gemas, tais como as peças apresentadas nas Figura 62 e Figura 63. (BRUNHAMMER, 2002)



Figura 62 – Broche Libélula, de René Lalique
Fonte: Brunhammer (2002)



Figura 63 – Broche Dois Galos, de René Lalique
Fonte: Brunhammer (2002)

Henri Vever (1854-1942) foi outro joalheiro muito influente no movimento *Art Nouveau*, operando a *Maison Vever*, uma empresa familiar iniciada por seu avô. Ele era um membro de *Les Amis de l'Art Japonais*, um grupo de entusiastas de arte japoneses, que se reuniam regularmente para discutir impressões japonesas e outras obras durante o jantar. Joias belíssimas (Figura 64) inspiradas na natureza, inclusive os pentes de cabelo, representados em esmaltes plásticos e pérolas com motivos orgânicos, foram um dos grandes sucessos de Vever.



Figura 64 – Pendente "Sylvia" em ouro, ágata, rubi, diamantes, esmalte, de Vever, 1900.

Fonte: *Musée des Arts Décoratifs*

O joalheiro francês Georges Fouquet (1862-1957) também contribuiu com o movimento *Art Nouveau*, desenvolvendo joias notáveis usando

opalas, esmalte sobre ouro e gemas coloridas tais como as peças apresentadas na Figura 65.



Figura 65 – Broche Quimera Alado, de Georges Fouquet c1902 | Ouro, esmalte, pérolas, diamantes.

O pintor, decorador e arquiteto norte americano Louis Comfort Tiffany (1848-1933) também pertenceu ao *Art Nouveau*. Frequentemente, tem seu nome associado com a *Tiffany & Co.*, empresa fundada por seu pai Charles L. Tiffany. Após temporada de estudos em Paris, inaugurou em 1902, o departamento *Tiffany Art Jewelry*: um andar inteiro da joalheria foi dedicado as suas criações (ver Figura 66), uma espécie de ateliê de criação para o jovem designer. (LORING, 2002)



Figura 66 – Gargantilha, de Comfort Tiffany
Fonte: *Metropolitan Museum of Art* (2017b)

5.1.3 As Joias no Movimento *Deutscher Werkbund* (Federação Alemã de Ofícios)

A *Deutscher Werkbund* foi fundada em Munique, em 1907, por um grupo de arquitetos, designers e empresários alemães, com o objetivo de melhorar o trabalho profissional mediante a educação e através da ação conjunta da arte, da indústria e do artesanato. Entre seus principais expoentes encontram-se Peter Behrens, Walter Gropius e Mies Van der Rohe. Pode-se citar como frutos do movimento a criação

da escola Bauhaus, em 1919, e das normas DIN, em 1917, hoje Instituto Alemão de Normalização.

Os fundadores do *Deutscher Werkbund* não se voltaram contra a indústria, tal como ocorreu no *Arts and Crafts*. Eles tentaram resolver o problema juntamente com ela, aceitando a divisão do trabalho do processo produtivo industrial, indo em direção a uma nova sociedade industrial. (ALBUQUERQUE, 2017)

O joalheiro alemão Theodor Fahrner (1868-1929) contribuiu com o movimento *Deutscher Werkbund*, produzido em larga escala, joia barata e bonita para as massas. Utilizou com frequência a prata, ouro baixo, marcassita, gemas com valores mais acessíveis e aplicação de esmalte.



Figura 67 – Pingente em prata e Crisoprásio, de Theodor Fahrner.

5.2 O Estilo *Art Déco* e a Joalheria

O termo *Art Déco* surgiu a partir da abreviação do nome de um importante evento realizado em Paris, em 1925: a *Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes*.

O *Art Déco* não foi um movimento de design tal como *Arts and Crafts*, *Art Nouveau* e *Deutscher Werkbund*; foi um compartilhamento de enfoque estilístico, deste modo fala-se em Estilo *Art Déco*.

O *Art Déco* foi um estilo elegante da arte decorativa, do design e da arquitetura que começou como uma reação modernista. Havia o desejo de eliminar as linhas fluidas do *Art Nouveau* e refinar o design para sua essência geométrica, eliminando o ornamento aparentemente desnecessário. Houve uma completa renovação de valores estéticos e destacam-se como as características marcantes do estilo *Art Déco*: as linhas aerodinâmicas, as formas geométricas, as cores vivas, a simplicidade linear, a valorização do acabamento e do equilíbrio das formas e cores. (RAULET, 2002)

O estilo "*clean* e puro" *Art Déco* dirige-se ao moderno e às vanguardas do começo do século XX. (TAMBINI, 1999)

A 1ª Guerra Mundial (1914-1918) gerou uma transformação na moda feminina. Na ausência dos homens, as mulheres assumiram o trabalho físico duro, isso exigiu o abandono dos espartilhos, encurtar as mangas, cortar os cabelos e elevar as bainhas dos trajes. Quando a guerra terminou, as mulheres relutaram a retornar às suas roupas pré-guerra e constrictivas, optando por seguir as novas modas apresentadas por Paul Poiret e Coco Chanel. Vestuário simples e elegante com linhas retas e uma silhueta mais livre exigiu uma reformulação de estilos de joias também. Após anos de guerra, ideias, inovações e invenções foram recebidas no espírito de reconstrução e renovação. (AJU, 2017c)

Nesse período, ocorreram importantes descobertas arqueológicas no Vale dos Reis no Egito, principalmente, o túmulo do faraó *Tutankamon* e isso acabou influenciando o design. Joias notáveis com influências egípcias se popularizaram em todo o mundo. Cenas inteiras da vida egípcia antiga jogaram sobre braceletes, renderizadas em novas combinações de cores criadas pela combinação de lápis lazúli com ouro e cornalina com turquesa.

Outros temas de inspiração na joalheria *Art Déco* foram: as joias indianas, de forma estilística e cromática; a arte islâmica com suas formas estilizadas e detalhes coloridos. Os motivos persas incluíam flores, plantas e arabescos renderizados sumptuosamente em esmeralda e safira ou jade e lápis lazúli. Dragões chineses e motivos arquitetônicos juntamente com coral oriental, pérolas e jade se apresentaram extensivamente em projetos *Art Déco*. Os motivos de design pré-colombianos da América Central e a arte tribal africana, muitas vezes expressas como máscaras e cabeças de ébano, tiveram alguma influência nesta nova estética. (AJU, 2017c)

Todos os joalheiros franceses foram imersos no design *Art Déco*, mas cada um interpretou e enfatizou diferentes temas de design dos tempos. *Cartier* adicionou influências do Extremo Oriente, da Índia e da Pérsia adotando as contas esculpidas da Índia e as placas de madrepérola da China, juntamente com rubis esculpidos, safiras e esmeraldas. A joalheria *Mellerio* inclinou-se para uma influência oriental no uso de gemas esculpidas em suas criações. *Mauboussin* usou esmaltes e gemas coloridas para fornecer um forte contraste com vastos campos de diamantes e usou um gabinete circular ou oval para seus projetos. *Van Cleef & Arpels* tomaram uma abordagem mais influenciada pelo egípcio para seus projetos, usando motivos faraônicos amplamente.

Neste período, ocorreram inúmeras inovações na joalheria. Foram desenvolvidos novos tipos de lapidação facetada com novos formatos organizados em padrões de acordo com o brilho, luminosidade e qualidades reflexivas da gema. Dessa forma, trapézio, meia lua, triângulo e outros cortes incomuns, tais como os modelos apresentados na Figura 68.

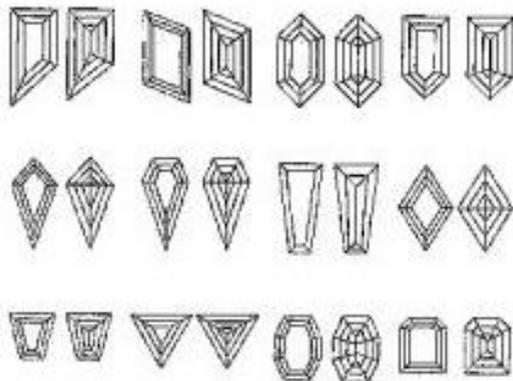


Figura 68 – Novas lapidações facetadas
Fonte: AJU (2017c)



Figura 69 – Broche em ouro branco, diamante e água marinha *Art Déco*, da Cartier
Fonte: JFJCO (2016)

Outra inovação foi o uso de platina em joias. Como ela possui maior dureza, exigiu menos metal para fixar uma gema de forma segura, resultando em projetos mais leves e mais ágeis. Um substituto de

platina menos dispendioso foi desenvolvido em 1918, chamado osmior, plator ou platinor que se tornou popular com os bijuteiristas-artistas.

As técnicas de laca do Extremo Oriente substituíram o esmalte tão popular na virada do século, que era mais caro e intensivo em mão-de-obra. A laca passou a ser aplicada em acessórios.

Certamente, a inovação mais importante foi a criação da "cravação invisível" (Figura 70) desenvolvida por *Van Cleef & Arpels*, que permitia montar as gemas, através de um sistema de sulcos e trilhos, de modo que nenhum metal fosse visível.



Figura 70 – Cravação invisível, da *Van Cleef & Arpels*
Fonte: AJU (2017c)

Foi desenvolvida a técnica de cultivo de pérolas²³, cujo processo ocorre através da implantação de pequenas esferas de madrepérola em ostras, agilizando o processo de produção de pérolas. Isto propiciou que o colar de pérola (Figura 71) tornasse a joia icônica da década de 1920.



Figura 71 – Coco Chanel e os colares de pérolas
Fonte: Dapifer (2016)

Uma grande quantidade de plásticos e outros materiais sintéticos, especialmente a baquelita, foram usados para imitar minerais, ossos, madeira, âmbar e gemas naturais, tornaram-se amplamente disponíveis.

Uma personalidade que merece destaque no *Art Déco* é o francês Charles Jacques (1885-1968), que foi o principal designer da Joalheria Cartier. Ele se juntou à empresa como um jovem artista em 1909. Buscou inspiração de design de inúmeros motivos decorativos originários do Egito, do Islã, da Índia, da China e do Japão, os interesses e inspirações de Jacques eram ecléticos e originais e seus projetos foram finamente detalhados.

²³ O processo de perolização de uma ostra é raro, acontece na natureza em um a cada 10.000 animais, sendo que o tempo médio de maturação de uma pérola é de 3 anos. (AQUACULTURE BRASIL, 2017)

A Figura 72 mostra um colar de platina, esmeralda, safira, lápis-lazúli e diamante *Cartier*, projetado por Charles Jacqueau, por volta de 1924.



Figura 72 – Colar de Charles Jacqueau
Fonte: Jewelry (2015)

A Figura 73 mostra um broche em forma de leque no estilo *Art Déco*, ornamentado com lápis lazúli e diamantes, circundado por cabochões redondos de turquesa, da Van *Cleef & Arpels*, Paris, em cerca de 1925.



Figura 73 – Broche *Art Déco*, da *Cleef & Arpels*.
Fonte: Jewelry (2015)

O broche geométrico criado por Georges Fouquet (Figura 74) foi confeccionado em ônix, turquesa e diamantes.



Figura 74 – Broche *Art Déco*, de Georges Fouquet.

5.3 A Joalheria nos anos de 1950

Após os anos de guerra parcimoniosos, o mundo estava pronto para exibições extravagantes de gemas e joias.

A austera década de 1940 se transformou na fabulosa e rica década de 1950. As joias de ouro mantiveram sua popularidade.

A influência da abstração e do surrealismo no mundo da arte encontrou seu caminho para o design de objetos do cotidiano e essas mesmas formas curvilíneas começaram a impactar o mundo da joalheria.

Christian Dior lançou um novo visual na moda que trouxe a feminilidade de volta, rejeitando a silhueta sombria do tempo de guerra.

A *DeBeers Diamond Corporation* garantiu a demanda por diamantes e lançou sua campanha "Um diamante é para sempre".

Mais uma vez, Paris foi o centro da *Haute Joaillerie* (alta joalheria) e as principais joalherias do pré-guerra, *Cartier*, *Van Cleef & Arpels*, *Sterlé* e outros, ainda estavam no auge da popularidade, encontrando um público mais amplo entre os recém-prósperos, confiando fortemente em seus designs pré-guerra enquanto inovavam e integravam novos visuais, como as inovações da *Cartier* em seu icônico broche de pantera.

Os joalheiros americanos estavam aumentando seus perfis com o uso intenso de designers como Jean Schlumberger para a *Tiffany*. Em Nova York, *Harry Winston* estava em seu apogeu, garantindo importantes diamantes, pedras preciosas e pérolas em delicados e flexíveis arranjos de platina. Ele acreditava que as gemas eram o elemento essencial da joia; só eles ditaram o design. Suas criações de tirar o fôlego tiveram enorme sucesso com sua rica clientela. (LANG, 2020)



Figura 75 – Gargantilha em diamantes da *Harry Winston Diamond* c.1956.
Cortesia da imagem por Sotheby's.

5.4 A Joalheria atual

A partir da segunda metade do século XX, novas ideias e conceitos, assim como novos materiais passaram a ser utilizados pelos designers, como os metais titânio e nióbio e, também, diferentes tipos de plásticos e papéis, buscando novos caminhos de expressão.

A joalheria contemporânea tem se destacado ao mesclar criatividade, design, materiais alternativos e inovadores na produção da peças, usufruindo das novas tecnologias para gerar joias com excelência.

Cada vez mais as joalherias investem em DESIGN, pois com criatividade e tecnologia é possível inovar e destacar-se das marcas concorrentes neste mercado global tão competitivo.

Acompanhar as tendências para atender ao público também é algo fundamental para uma marca, considerando a constante demanda por novidades.

A personalização é uma das inúmeras oportunidades no cenário da joalheria contemporânea, pois o público tem buscado produtos e serviços exclusivos, que estejam de acordo com seu gosto e com sua realidade.



Figura 76 – Criatividade, tecnologia e design em joias contemporâneas.

Como exemplo dessa geração, pode-se citar o designer de joias nova-iorquino Stephen Dweck. As joias de Stephen são inspiradas na natureza, em todas as suas formas. Ele viaja o mundo coletando pedras incríveis e as coloca em ouro, prata e bronze.

Fundada em 1981, a Stephen Dweck Jewelry foi criada a partir da paixão de Stephen pela escultura e pela sua visão artística única. As joias tem uma conexão com o Brooklyn de Stephen, raízes de Nova York que combina estética rústica com um ponto de vista moderno que solidificou o *status* de Stephen como "Romântico das Pedras".



Figura 77 – Brincos clip-on Flor Multi-gemas, de Stephen Dweck.

Finalizando, não poderia deixar de mencionar outra grande joalheria que apostou no Design para se destacar no mercado Global: a brasileira H Stern.



Figura 78 – Coleção 70 anos H Stern.

O design exclusivo diferenciado da H. STERN e a excelência na qualidade de matérias primas e manufatura foi fundamental para o reconhecimento da marca e seus produtos no mundo.

Referências

AJU. *Arts & Crafts Era Jewelry*. In: **Antique Jewelry University: dynamic online encyclopedia**. Disponível em http://www.langantiques.com/university/Arts_%26_Crafts_Era_Jewelry, acesso em 20/05/2017a.

AJU. *Art Nouveau Jewelry*. In: **Antique Jewelry University: dynamic online encyclopedia**. Disponível em http://www.langantiques.com/university/Art_Nouveau_Jewelry, acesso em 20/05/2017b.

AJU. *Art Deco Era Jewelry*. In: **Antique Jewelry University: dynamic online encyclopedia**. Disponível em http://www.langantiques.com/university/Art_Deco_Era_Jewelry, acesso em 20/05/2017c.

AJU. *Enamels on Jewelry*. In: **Antique Jewelry University: dynamic online encyclopedia**. Disponível em http://www.langantiques.com/university/Enamels_on_Jewelry, acesso em 20/05/2017c.

AJU. *Baroque Jewelry*. In: **Antique Jewelry University: dynamic online encyclopedia**. Disponível em http://www.langantiques.com/university/Category:Baroque_Jewelry, acesso em 20/05/2017c.

AJU. *Romantic Period*. In: **Antique Jewelry University: dynamic online encyclopedia**. Disponível em http://www.langantiques.com/university/Romantic_Period_1837-1860, acesso em 25/05/2017.

ALBUQUERQUE, Carlos. 1907: Fundação do *Deutscher Werkbund*. In: **Calendário Histórico**. Disponível em <http://www.dw.com/pt-br/1907-fundação-do-deutscher-werkbund/a-3143195>, acesso em 20/05/2017.

AQUACULTURE BRASIL. **Cultivo de pérolas**. Disponível em <http://www.aquaculturebrasil.com/2016/06/23/cultivo-de-perolas/>, acesso em 20/05/2017.

ASHMOLEAN. **Case watch**. In: *Timepieces Collection by Ashmolean Museum of Art and Archaeology, University of Oxford*. Disponível em [http://www.ashmus.org/ash/objects/makedetail.php?pmu=523&mu=524>y=brow&sec=&dtn=25&sfn=Accession%20Number\(s\)&cpa=2&rpos=25](http://www.ashmus.org/ash/objects/makedetail.php?pmu=523&mu=524>y=brow&sec=&dtn=25&sfn=Accession%20Number(s)&cpa=2&rpos=25), acesso em 21/07/2017.

BATISTA, C. R.; CHODUR, N. L. A multidisciplinaridade na arte da joalheria. **Anais do 1º Congresso de Humanidades**. Curitiba, UFPR, 2000.

BATISTA, Cláudia R. A ergonomia no design de joias. **Anais do ABERGO 2004** – XII Congresso Brasileiro de Ergonomia. Fortaleza: ABERGO - Associação Brasileira de Ergonomia, 2004.

BATISTA, C. R. **Sistema de representação e modelagem digital**: uma abordagem voltada ao projeto de joias, 2008. Monografia apresentada à Comissão Examinadora do Concurso Público edital nº 031/DDPP/2008, da Universidade Federal de Santa Catarina.

BATISTA, C. R. *Creativity and jewelry design: a study of case with the use of tools to stimulate creativity and methodology for selecting the best idea*. **Proceedings of EAD 11**, 2015, Paris. 11th European Academy of Design Conference, 2015.

BATISTA, C. R. *Human Factors in the earrings design*. **Proceedings of EAD 11**, 2015, Paris. 11th European Academy of Design Conference, 2015.

BATISTA, C. R. Considerações ergonômicas para o design de brincos. **Anais do 1º Congresso Internacional de Ergonomia Aplicada**, 2016, Recife. Blucher Engineering Proceedings. São Paulo: Editora Blucher. v. 3. p. 882.

BATISTA, C. R. *A contribution for Jewelry Design Teaching. Proceedings of EAD 12*, 2017, Roma. 12th European Academy of Design Conference. Roma, 2017.

BROM, J. *De ontwikkelingsgescheidenis de emailkunst. Het Gildeboek: Tijdschrift voor kerkelijke kunst en oudheidkunde*, 20: 102-122, 1937.

BROTTON, J. *The Renaissance: A Very Short Introduction*. OUP, 2006

CHAPUIS, Julien. Gothic Art. In: **Heilbrunn Timeline of Art History**. The Metropolitan Museum of Art, 2000

DAPIFER. *Fashion Firsts: The Remarkable Rise of Jeanne Lanvin, 2016*. In: **The Dapifer, fashion history**. Disponível em <https://www.thedapifer.com/fashion-designer-jeanne-lanvin/>, acesso em 21/05/2017.

DEVITT-NYU, James. *Neolithic jewelry splits farmers from hunters, 2015*. In: **Futurity, Science and Technology**. Disponível em <http://www.futurity.org/neolithic-farmers-hunters-jewelry-893942/>, acesso em 28/02/2017.

Famous Pharaohs. **Pectoral of Tutankhamun**. Disponível em <https://famouspharaohs.blogspot.com.br/2015/01/pectoral-of-tutankhamun.html>, acesso em 14/03/2017.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. Arte gótica. In: **História das Artes**. Disponível em <https://www.historiadasartes.com/nomundo/artemedieval/arte-gotica/>, acesso em 21/05/2016.

JEWELRY. **Charles Jacquau**. Disponível em <https://www.jewelry.com/>, acesso em 21/05/2016.

JFJCO. *Art Deco Era Jewelry: The End of Whimsical*. 2016. In: **Jonathan's Fine Jewelers**. Disponível em <http://www.jfjco.com/art-deco-era-jewelry/>, acesso em 25/05/2017.

Joalheria Artesanal. **Joalheria egípcia.** Disponível em <http://ajoalheria.blogspot.com.br/search/label/História>, acesso em 25/05/2017.

LAN. ***Fifties Jewelry.*** Disponível em <https://www.langantiques.com/university/fifties-jewelry/>, acesso em 10/11/2020.

METROPOLITAN MUSEUM OF ART. ***Hellenistic Jewelry.*** Disponível em http://www.metmuseum.org/toah/hd/hjew/hd_hjew.htm, acesso em 25/05/2017a.

METROPOLITAN MUSEUM OF ART. ***Nineteenth-Century American Jewelry.*** Disponível em <http://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/46.168.1/>, acesso em 25/05/2017b.

METROPOLITAN MUSEUM OF ART. ***Pectoral and Necklace of Sithathoryunet with the Name of Senwosret II.*** Disponível em <http://www.metmuseum.org/toah/works-of-art/16.1.3/>, acesso em 25/05/2017c.

NATIONALMUSEET. *Neolithic amber. In: National Museum of Denmark.* Disponível em <http://en.natmus.dk/historical-knowledge/denmark/prehistoric-period-until-1050-ad/the-neolithic-period/neolithic-amber/>, acesso em 21/05/2016.

VAM. ***Pomander.*** In: *Victoria and Albert Museum.* Disponível em <http://collections.vam.ac.uk/item/O156619/pomander-unknown/>, acesso em 20/07/2017.
